

**Arte ~~Sedução~~ Educação Arte ~~Educação~~ Sedução Educação Arte Sedução –  
Arte Educação Invenção**

*Organização* Ana Matheus Abbade e Mariana Pimentel

**Momento-Ação I  
Ana e Mariana juntas**

**PLAY**

ERA UMA VEZ. A tarefa: elaborar um dossiê que ligasse as insurgentes ocupações estudantis secundaristas e universitárias ao evento *MixEducation* 2015 (proposição artística de Camilla Rocha Campos) que aconteceu no espaço formal do ateliê do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O território político, conceitual e plástico de *MixEducation* era complexo. A pauta era Arte, Educação e Sensualidade. O concurso pretendia que o coletivo de juradxs elegeassem determinadxs candidatxs a partir de um critério debatido no momento a partir das performances apresentadas. Teríamos assim em mãos essa primeira paisagem. E mais, tanto a participação dxs candidatxs como a seleção dx júri não se pautou por critérios hierárquicos e funcionais. Assim da mesma forma que a qualquer corpo docente, discente ou técnico (efetivo ou terceirizado) da UERJ foi aberta a participação no concurso, a composição do júri procurou respeitar essa orientação, contando assim com um corpo de alunx, Ana Matheus Abbade, um corpo de professorx, Mariana Pimentel, um corpo de artista Luis Camnitzer, um corpo de curador, Hans-Michael Herzog e um corpo de peito e pau de luta da transrevolução, Indianara Siqueira.

O que se evidenciou nas performances foi a problematização e o enfrentamento das bionormas que aprisionam e exploram os corpos que ali performaram. Lutas minoritárias de gênero, classe e étnicas, mas antes de tudo das dores próprias a cada vivência diante da instituição de ensino, do sistema de



arte. Carx leitor, na revista *MixEducation*, que abre este dossiê, você poderá ir ao encontro desses corpos e de suas narrativas. Aliás, a participação nessa revista foi o prêmio dado a nós todxs, pois o que se decidiu ao meio e ao final foi que não haveria vencedor, pois de fato um júri não se estabeleceu, assim vencendo o acontecimento: a luta.

A luta. A luta, a voz e os corpos das minorias étnicas, de classe e de gênero: esta é a liga entre *MixEducation* e as ocupações estudantis. A liga se deu no decorrer do próprio evento por meio das performances e performatividades que ali aconteceram. Caberia a nós, então, fazer liga com a revista acadêmica. Decidiu-se, assim, pela composição de um dossiê a partir da parceria entre o corpo docente e discente do Instituto de Artes. O estudante do curso de História da Arte André Sheik se propôs a fazer um vídeo para ouvir seus colegas de Instituto de Artes sobre o evento *MixEducation* e o que pensavam sobre as relações entre arte, educação e sedução. A presença das múltiplas vozes dxs estudantes do Instituto dentro de um espaço reservado aos professorxs-pesquisadorxs e pós-graduandxs faz eco às reivindicações daquelxs pelo direito a ocupar e produzir todos os espaços da Universidade. Assim, carx leitxr, antes de ler os textos que compõem esse dossiê, convidx-x a ir ao encontro dessas vozes, fortes e delicadas.

A Ana Matheus Abbade, estudante do curso de artes visuais, coube a tarefa de propor o tema do dossiê e em parceria com a professora Mariana Pimentel construí-lo. E isso porque ambos participamos do júri que deu fim ao juízo do júri. Daí o critério que utilizamos para elaborar esse dossiê ter como guia o ponto de contato entre *MiXEducation* e as ocupações estudantis: a composição de um corpo dissidente no interior de um espaço formal acadêmico. Portanto, se os ensaios que se apresentam aqui são escritos por estudantes de graduação e pós-graduação que habitam o espaço acadêmico estes não estão desvinculados de suas vivências. Pelo contrário, aqui a escrita é luta, pois ancorada na vivência desses corpos que expostos e feridos fazem de sua entrada na universidade uma prática de contraconduta ao dispositivo classista, racista, machista e heternomativo que conduz, apesar das cotas e outras conquistas, nossos afazeres acadêmicos. As cotas abriram as portas das Universidades, é verdade, mas são essas práticas de

contraconduta que estão forçando de dentro a reinvenção desses espaços de produção de conhecimento.

**Momento-Ação II**  
**Sai Mariana. Fica juntas**

**PLAY**

Da sensualidade, performance das evidências eróticas de gênero, classe e étnicas, foi pensada uma mudança na faixa que se estenderia acima do dossiê. ARTE EDUCAÇÃO SEDUÇÃO. Agora o paradigma se desloca: O desejo de alçar três entidades//potências Arte, Educação e Sedução em tempos de catástrofes e biofascismos empoderado pelo conservadorismo, faz-se preciso refratar em três atravessamentos.

No concurso *MIXEducation* de 'arte, educação e sensualidade' proposto pela artista Camilla Rocha Campos para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro somos recebidas pela sedução, já na porta de entrada inscrita em tapeçaria, antecipava uma possibilidade para esse atravessamento. **SEDUCAÇÃO**. A desleitura que Jorge Menna Barreto propõe: LEREMOS AQUI: SEDUÇÃO+/-AÇÃO // SEDUÇÃO+/-EDUCAÇÃO.

***Pausa para um encontro***

GORDURA TRANS. No Seminário Internacional Desfazendo Gênero em setembro de 2015. Miro Spinelli banha seu corpo gordo de azeite de dendê. O corpo se espreme. Ao mesmo tempo, um banho. Teu corpo indesejado: “é instituído que desejar um corpo gordo para si ou desejar eroticamente o corpo gordo de outro é uma espécie de fetiche patológico”. Brilho amarelo-âmbar. Pergunto-o: ‘Qual o limite possível na inversão da estrutura social do desejo sem decair na curiosidade ao abjeto expropriado de si?’. Em outro momento o artista diz, “Não nos surpreende que existam reações conservadoras em resposta a este trabalho. O conservadorismo, o controle compulsório e o autoritarismo são



também razões para fazê-lo. Causar incômodo é parte inevitável e essencial de um projeto que propõe subverter paradigmas tão enraizados como os que colocamos em questão". Seria necessário então partir de seu corpo, buscar o que há de abjeto e grotesco nas reações conservadoras, lambuzar os olhos de quem vê. Por fim, retornar. Isto é, a prática artística de Miro Spinelli se dá na autofelação daquilo que no teu próprio corpo é socializado enquanto abjeto. A potência da sedução inassimilável. O campo de batalha travada à matriz da integridade do sensual.

GORDURA SATURADA. Com suas mãos armadas de todas as paródias espalhadas em redes sociais, junto a todos os comentários ofensivos, as mensagens empáticas de força e amizade, tornam-se uma espessa camada de papéis aglutinados pelo azeite dendê. Encobertos. A linguagem quase que vomitada, insinua-se, já demasiadamente, aquilo que é legível.

## VOLTAR

ARTE-EDUCAÇÃO-SEDUÇÃO. O processo de um caminho que parta de práticas artísticas e educacionais que se localizam enquanto espaços heterotópicos. A rua é a escola. O coletivo é o ensino. Escola da vida. A sedução se metaformoseia em impulso inventor. Inventar outras metodologias: escavações do corpo colonizado. A sedução é a resposta – em tempos de Escolas Sem Partidos: Ocupa-se o corpo, toma-se parte do corpo.

## *Pausa para outro encontro*

ARTE-SEDUÇÃO-EDUCAÇÃO Que sedução falamos? Quais práticas artísticas deslocam a cisheteronorma da sedução? Corpo monstruoso estigmatizado entre abjeto e curiosidade-desejo. Quais produções apontam evidências na própria pele saberes-desejos não dominantes? *Com quantos livros esconde-se um corpo nu?* Pergunta Mayara Yamada após de consecutivos ataques quando expõe seu corpo em um lambe-lambe nas paredes da UNIRio. Como criar rotas de fuga dessa domesticação heterocentrada de sexualização compulsória do corpo nu feminino? Pergunto.

### **Momento-Ação III** **Ana e Mariana juntas**

Ana propõe outro corpo a compor este dossiê: Mostra Erratica. Sim! Jota Mombaça/Mostra Erratica/MC Katrina e sua perforamatividade selvagem, decolonial antes de tudo. Verbo-navalha a expor a ferida da colonização. *Pode um cu mestiço falar?* Eis a pergunta provocação por meio da qual chegamos a ela. (A professora aqui já andou tendo aulas com ela). Mas e Pêdra Costa, Ana? Que incrível, o ensaio que Jota nos envia fala justamente dela. Dos efeitos de sedução/repulsão/abjeção de um rosário a ser retirado do orifício maldito. Dos efeitos desta performance sobre o público, mas também e ainda bem, sobre o corpo de Jota e sobre o corpo bibliográfico que pretende organizar essa monstruosidade. Para entrar em relação discursiva com essa performance, nos diz Jota, foi preciso desorganizar a bibliografia, conjunto de saberes eurocristãos que ali estavam sendo atacados, em prol de uma *biografia* sudaca a fim de construir uma rede de saberes, dizeres e fazeres selvagens.

Pêdra lá de Berlim nos envia um ensaio-vômito aos europeus que querem saber dela a imigrante kuir sobre os Tristes Trópicos. E nos apresenta seu plano de como ocupar criticamente esse espaço: “Como subvertar o olhar colonial do público sobre meu corpo ao mesmo tempo em que assumo a “tropicalidade?”” pergunta.

De certa forma essa é a estratégia comum a todos os escritos aqui presentes. Andiará Ramos nos oferece um texto genealógico do feminismo interseccional. Mas essa não é uma genealogia sobre uma experiência outra, pois ela é antes de tudo sua história também. Se Andiará pode ser identificada institucionalmente como ex-aluna do Instituto de Artes e pós-graduanda do Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes/UFF é enquanto corpo negro, lésbico e feminista que escreve e atua no interior da instituição de ensino. *Viver nas fronteiras* é o título de seu ensaio, criar fissuras

heterotópicas no espaço normativo acadêmico essa é sua luta, cangaceira da coletiva Maria Bonita.

Fabiana Faleiros nos brinda com seu *Masturbar*. No ensaio aqui ofertado nos propõe por meio de sua prática contrapedagógica do *munhecar* a liberação do corpo feminino, do dispositivo psiquiátrico que transformou o prazer e o gozo em doença ao separar a função reprodutiva do sexo do prazer clitoriano da vagina. *Desmunhecar* é se masturbar, é ocupar gozosamente seu corpo. É re-ligar vagina e clitóris. Estamos precisando abrir muitos *Masturbar* nas Universidades.

Mas o combate não para por aqui. Em tempo de retomada dos manifestos, fechamos esse conjunto de ensaios com essa ação manifesto: *Manifesto traveco-terrorista* assinado por Tertuliana Lustosa. Digo ação, pois aqui o manifesto não se propõe como projeto, projeção de um futuro utópico, mas isto sim como texto de intervenção. É um posicionamento contranarrativo nacio/nocional: pois são as noções do que seja nacional, colonial e artístico que vão sendo desconstruídos pelo procedimento de escrita travesti. Digo procedimento, não método, por não tratar-se aqui da fundação de um novo modelo a ser copiado, mas antes da transmutação e reinvenção de noções teórico-artísticas já consolidadas por meio da experiência de transição sexual. Não se nasce mulher, torna-se traveca. Não se nasce brasileiro, torna-se sudaca. Não se nasce artista-teórica, torna-se traveco-terrorista.

Por fim, carx leitor, oferecemos a você uma entrevista com Indianara Siqueira. Indianara participou conosco do júri de *MixEducation*. No entanto, diferentemente de nós, Ana e Mariana e dos demais membros, Camnitzer e Herzog, sua presença ali não se devia a uma referência institucional. Pelo contrário, era o único corpo cuja presença de fato conectava a Universidade à rua, à luta que se trava na rua, nos becos e esquinas. Era a única presença de fato a abalar aquela composição. Presença anti-institucional. E foi e é a partir dessa prática anti-institucional que Indianara não só tornou possível o surgimento de um espaço de acolhimento de corpos trans e em situação de vulnerabilidade, mas também de produção de outros modos de vida - faz-se de tudo lá dentro, é vida em estado bruto a CasaNem. E também o *PreparaNem*, um projeto educacional que reinventa

os modos institucionalizados de formação e produção de conhecimento: se o professor não se tornar travesti, aprender com elas a se mover no mundo, nada ensinará ali. Bem, é sobre essas experiências e outras mais que conversamos com ela.

Deixe-se seduzir e torne-se uma travesti: invente um corpo para si!